

JOÃO UBALDO, O ESCRITOR CANIBAL

João Ubaldo Ribeiro, The Cannibal Writer

João Ubaldo Ribeiro, el escritor caníbal

Ivana Teixeira FIGUEIREDO GUND

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

ivanatfgund@gmail.com

RESUMO: O texto analisa o canibalismo por meio da metáfora do escritor canibal. Para tanto, escolhe-se, como objeto de estudo, as estratégias estéticas e políticas de João Ubaldo Ribeiro, de forma especial, em relação à escrita de seu romance *Viva o Povo Brasileiro* (1984). Objetiva-se aproximar, figurativamente, a prática ritualística do canibalismo, dentro da cosmovisão do povo Tupinambá, e o fazer literário de Ribeiro. Nesse sentido, foram elencadas as seguintes categorias de análise: corpo/*corpus* contrário, modos de matar, produção do alimento na cozinha literária do canibal, modos de comer, vingança e devoração voraz. Como fundamentação, foram utilizados, especialmente, os estudos de Lestringant (1997), Castro (2015), Bolaño (2001) e Didi-Huberman (1991).

Palavras-chave: Literatura, escritor canibal, transgressão, João Ubaldo Ribeiro.

ABSTRACT: This text analyzes cannibalism through the metaphor of the cannibal writer. Therefore, João Ubaldo Ribeiro's aesthetic and political strategies were chosen as the object of study, especially, in relation to the writing of his novel *Viva o Povo Brasileiro* (1984). The aim is to approximate, figuratively, the ritualistic practice of cannibalism, within the cosmovision of the

Tupinambá people and Ribeiro's literary work. In this sense, the following categories of analysis were listed: contrary body/corpus, ways of killing, food production in the cannibal's literary kitchen, ways of eating, revenge and voracious devouring. Lestringant (1997), Castro (2015), Bolaño (2001) and Didi-Huberman (1991) were used as the main theoretical basis.

Key words: Literature, cannibal writer, transgression, João Ubaldo Ribeiro.

RESUMEN: El texto analiza el canibalismo a través de la metáfora del escritor caníbal. Por lo tanto, se eligen como objeto de estudio las estrategias estéticas y políticas de João Ubaldo Ribeiro, de manera especial, en relación con la escritura de su novela *Viva o Povo Brasileiro* (1984). El objetivo es aproximar, en sentido figurado, la práctica ritual del canibalismo, dentro de la cosmovisión del pueblo Tupinambá, y la obra literaria de Ribeiro. En ese sentido, se enumeraron las siguientes categorías de análisis: cuerpo/corpus contrario, modos de matar, producción de alimentos en la cocina literaria del caníbal, modos de comer, venganza y devorador voraz. Como base se utilizaron en particular los estudios de Lestringant (1997), Castro (2015), Bolaño (2001) y Didi-Huberman (1991).

Palabras clave: Literatura, escritor caníbal, transgresión, João Ubaldo Ribeiro.

1. Introdução

No imaginário brasileiro, uma efígie, ao mesmo tempo estranha e familiar, não deixa de se mostrar, por vezes em faces horrendas, com dentes à mostra e fome medonha; por vezes em tons jocosos ou ainda como a ancestralidade dos povos do continente americano, incluindo-se os brasileiros. Trata-se do canibal, um ser que vivia no mesmo mundo e no mesmo tempo que os colonizadores europeus, mas que se situava no limite entre o humano e o bestial: visto pelos inimigos, era um ser feroz cujos atos provocavam repugnância; para seu próprio povo, o canibal era ousado, cultural e valente, como afirma Frank Lestringant (1997).

Antes mesmo da referência aos ameríndios, as figurações canibais se apresentaram em textos mitológicos universais, nas histórias de povos em condição insular, isolados geograficamente, em guerras e em naufrágios, relacionando tanto o canibal quanto seu ato de devorar o corpo do outro como atraso cultural, movidos por fome, ignorância ou ainda em uma situação limítrofe

entre viver e morrer. Nos primeiros tempos da colonização do continente americano, sua imagem mais conhecida foi relacionada aos fenótipos dos povos indígenas que habitavam esse território. Por intermédio dos registros históricos conservados em relatos de viagens, cartas, crônicas e outros documentos coloniais, passou a ser pensado, em um primeiro momento, como uma figura extraordinária, monstruosa, bárbara, sinônimo generalizante dos povos autóctones ancestrais (Lestringant, 1997). Portanto, pode-se notar que, na conceitualização desse multifacetado ser, há um universo semântico extenso e movediço.

Mas, desse lugar desfavorável, o canibal passou a frequentar outros lugares da cultura. Pensando-se na permanência desse ser como tema de expressões artísticas no Brasil e, diante de nossos valores e normas sociais, sua devoração agora se faz, é claro, em sentido figurado, como parte da formação cultural desse povo, ampliando ainda mais suas camadas de significação: está presente como tema das artes plásticas de Tarsila do Amaral e Adriana Varejão; na performance de Marcos Rolla; as instalações de Lygia Clark, nas produções contemporâneas de Vik Muniz; está também no cinema, nos filmes *Como era gostoso meu Francês* (1971), *Caramuru* (2001) ou *Estômago* (2008), entre outros; aparece em peças teatrais – são exemplos *A Refeição* (2007), *Ato de Comunhão* (2013) e *Guanabara Canibal* (2017); está em músicas de artistas brasileiros consagrados, entre eles Raul Seixas, Adriana Calcanhotto e Zeca Baleiro; está, sobretudo, na literatura brasileira, em produções de escritores cânones como José de Alencar, Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, além de vários contemporâneos como Rubem Fonseca, Moacyr Scliar, João Gilberto Noll, Antônio Torres e outros tantos, em um elenco que se dilata diuturnamente.

Dentre os escritores que aqui poderiam ser mencionados, objetiva-se, sobretudo, analisar as estratégias de escrita – pensadas como escrita canibal – utilizadas pelo escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro, de forma especial, ao escrever seu romance *Viva o Povo Brasileiro*, de 1984. A aproximação entre escrever e devorar será proposta a partir de algumas categorias de análise que aproxima, por analogia, essa produção literária ao ritual de devoração canibal praticado pelos indígenas do povo Tupinambá, ancestrais que habitavam a costa do Brasil, que tiveram suas histórias eternizadas por intermédio de ilustrações, relatos de viagem e demais documentos coloniais, sobretudo nos livros que foram escritos por André Thevet, Jean de Léry e Hans Staden. O povo Tupinambá era conhecido por seus rituais de devoração do corpo prisioneiro, cozido de forma moqueada e dentro do pensamento de uma coletividade.

Dentre as categorias para se pensar essa forma de devoração, destacam-se: o sentido do corpo a ser devorado, os modos de matar, a produção do alimento na cozinha canibal, os modos de comer, a vingança e a devoração voraz.

Sobre o romance, trata-se de uma longa narrativa que reconta quatro séculos da história do Brasil. Contudo, esse recontar é feito por perspectivas dessemelhante ao discurso oficial. Cabem nesse romance as vozes de grupos étnicos e sociais – como indígenas, negros e mestiços; cabe o protagonismo feminino, a ressignificação de marcos históricos, a presença de outras formas de pensamento, religiosidades e culturas. Trata-se de uma obra que refaz o percurso da construção histórico-social de uma nação, não o anulando, mas fazendo dele o corpo/*corpus* a ser devorado pela palavra de João Ubaldo Ribeiro, a quem se pode nomear – por sua postura política e consciente – por intermédio da categoria de escritor canibal.

Em *Viva o Povo Brasileiro*, Ribeiro trata do tema diretamente a partir da criação de uma personagem, o caboco Capiroba, um mestiço, “meio preto, meio índio” (Ribeiro, 2007: 34) que foi obrigado a aprender a cozinhar conforme as receitas, métodos e ingredientes ensinados pelos padres catequizadores para que estes pudessem desfrutar do banquete produzido por Capiroba. O caboco, então, prepara todas as receitas utilizando como ingrediente os próprios corpos dos padres, dentro das formas de cozinhar propostas pela cultura estrangeira e, para além disso, serve as iguarias canibais para a sua família. Os padres, transformados em refeição, tornam-se símbolo da resistência ao processo de colonização diante da postura combativa da personagem.

Esse fato demonstra a ironia do escritor sobre qual deveria ser a postura do povo brasileiro em relação às tradições impostas pela colonização: devorar o inimigo como fizeram os ancestrais indígenas, dar às suas materialidades outros significados, não se ajustar ou submeter-se, mas criar outros caminhos fora da imposição do poder colonial. Capiroba “apreciava comer holandeses” (Ribeiro, 2007: 34), mas não gostava de comer portugueses, pois a lembrança dos padres e funcionários da Coroa causava-lhe engulhos, uma vez que “lhe evocavam agora uma memória oleosa, quase sebenta, de grande morrinha e invencível graveolência” (Ribeiro, 2007: 42), citação no qual se expressa a depreciação do valor dado aos colonizadores portugueses.

A contrapelo, para os portugueses, Capiroba representava o estranho “comedor de gente, gigante degolador, bebedor de sangue, pactuado com Satanás” (Ribeiro, 2007: 51-52). Contudo, a construção ficcional desse canibal deixa clara que, por vias da ironia e do humor, a perspectiva escolhida para sua

descrição e seus atos, torna-o, a um só tempo, o ancestral e o espírito brasileiro – ou a alminha brasileira, como descrito no romance –, pois é apresentada sua linhagem e esta protagoniza toda a obra, trazendo à tona as origens canibais do povo brasileiro.

Entretanto, não é somente pela presença da personagem canibal que se propõe aqui a alcunha de escritor canibal para João Ubaldo Ribeiro. É, sobretudo, pela escolha estética e política da devoração que ele faz dos corpos – ou dos *corpora compostos* por discursos hegemônicos do poder, que são destrinchados, preparados em sua “cozinha literária” (Bolaño, 2001) e devorados em um banquete literário aos moldes do que faziam os indígenas Tupinambá. Por meio das categorias supracitas, que serão analisadas a seguir, é que se compreende que a devoração canibal proposta por Ribeiro ultrapassa a delimitação temática da fome ou da barbárie, colocando-se dentro das camadas de cultura que nos tornaram nação e, mais ainda, sua escrita passa a representar um instrumento de combate – um *ibirapema* – com o qual se decapita a cabeça – leia-se pensamento, poder –, que nos colonizou e, ao digeri-lo, faz dele outra materialidade, outro sentido, além de retirá-lo de um lugar no qual também repousaram, por séculos, os conceitos de História, Verdade e Lei.

2. O sentido do corpo do contrário e os modos de matar

Quando se pensa sobre o cardápio canibal, a lista basicamente se compõe de um único e insubstituível ingrediente: a carne humana. No entanto, dentro da cultura autóctone do povo Tupinambá, nem todo corpo serviria para ser devorado nem mesmo essa devoração se daria por fome ou por animalidade. O que se comia era a alteridade do corpo daquele que, capturado, não fugia, mas convivia por tempos dentro da rotina de seus algozes; alguém externo ao povo devorador, que se compreendia como partícipe do ritual de devoração, pois deveria maldizer o povo que o devoraria e profetizar que os seus o vingariam. Um prisioneiro cuja força era reconhecida por quem o comeria. Aquele que seria devorado poderia ser pensado, como propõe Eduardo Viveiros de Castro (2015), por intermédio do sentido para a palavra “contrário” e não como “inimigo”.

Ao se pensar na palavra inimigo, tenderíamos a estabelecer significados que abarcariam aspectos ligados ao sentimento, como sinônimo de rival, desafeto ou oponente. Porém, pensar no corpo devorado por meio do conceito apontado por Castro (2015), amplia o campo semântico para entendê-lo pela sinonímia de oposto, inverso, mas também diverso. O ser inverso e diverso – que é o

contrário – representa a memória e a produção de um pensamento contrário que deverá ser tomado, mastigado e digerido, para que dele ou contra ele possam nascer outros saberes. Esse corpo representa bem mais que carne ou nutrientes para a dieta canibal. Ele é transformado em outros sentidos, ressignificado para além de sua materialidade. É por ele que se pode pensar em identidade e alteridade, em movimento cíclico da vida: uns que comem, em outro momento serão devorados.

Partindo dessa categoria de corpo contrário devorado, faz-se uma analogia com a produção literária de João Ubaldo Ribeiro: o romance *Viva o Povo Brasileiro* canibaliza os *corpora* instituídos sob os valores da Verdade, da Lei e da História oficial. O que o romance devora? Textos e discursos de quatro séculos que se consagraram como única voz, personagens e fatos históricos, as práticas sociais, o pensamento hegemônico, o antigo, a versão oficial e os silenciamentos; os símbolos nacionais, como a própria língua portuguesa.

Os modos de matar também podem ser observados pela concepção indígena: dentro da cosmovisão Tupinambá, não se matava o corpo que seria comido com fúria ou urgência. Sua morte se estabelecia dentro das práticas ritualísticas: primeiro a vítima participava do ritual; proferia maldições contra os devoradores; com o *ibirapema* – porrete de madeira usado para matar prisioneiros de guerra – quebravam-lhe a cabeça, seu corpo era dividido e levado ao fogo, para moquear; sua morte, então, fazia a roda da vida girar: em outro momento, os seus seriam os verdugos de seus devoradores. Assim se estabelecia o direito legítimo à vingança, entendida não pelo viés cristão, na qual o vingador deteria o poder da vingança sobre o vingado, em consonância com a origem latina do termo, que vem de *vindicta* – “força” e “dizer” –, mostra de autoridade. Se pelos valores cristãos deveríamos valorizar o perdão em vez da desforra, pela interpretação do povo Tupinambá, a vingança representaria o movimento cíclico da vida. Nela estão incluídas as concepções de tempo, espaço e seres. Não há culpa ou castigo na vingança. A partir dela se estrutura a cultura, articulam-se os sentidos de vida e morte, confere-se honra a quem matou, garante-se que a vida se torne dinâmica, e reconhece-se a alteridade do outro. Para Manuela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro (1985: 205) a vingança no ritual Tupinambá deve ser pensada pela “ordem da criação e da produção: é instituinte, não instituída ou reconstituente. É abertura para o alheio, o alhures e o além: para a morte como positividade necessária. É, enfim, um modo de fabricação do futuro”.

Os modos de matar o corpo contrário são, por analogia, os mesmos aplicados por Ribeiro. Seu *ibirapema*-palavra escrita fere a cabeça dos *corpora* que nos

constituíram: pela cabeça, pode-se compreender o pensamento hegemônico e as ramificações de seu poder. É pela quebra da cabeça que se rompe com o que está posto, abrindo caminhos para novas interpretações de história e para o acréscimo de outras formas de pensar. Suas vítimas – os discursos escritos, falados e simbólicos que nos forjaram por quase quatro séculos – participam do festim canibalesco: o romance não omite fatos históricos, mas os apresenta ressignificados; fruto de longa pesquisa, o romance aborda distintos pontos de vista sobre a nação brasileira.

Sobre a vingança, esse é, sem dúvida, o trabalho de um escritor com o valor artístico de Ribeiro: voltar-se para a sua própria tradição, devorar os seus contrários, destitui-los de seu lugar de prestígios e privilégios, mas, ao fim, colocar-se também para, posteriormente, ser devorado pelos que virão, em um movimento espiralado próprio das tradições literárias.

Consciente do papel que deveria exercer um artista intelectual em seu tempo, Ribeiro (1994), em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, assevera que não se pode viver sem esperança e, apesar de não ser muito o que está ao alcance dos escritores, ainda assim todos os artistas seriam relevantes “para o conhecimento de nós mesmos, a afirmação da nossa identidade”. Ribeiro comenta ainda que um país sem suas produções artísticas não é um país, mas “apenas um conglomerado de vizinhos malsatisfeitos. E isso não somos, não queremos ser, jamais seremos. E os artistas cumprirão o seu papel” (Ribeiro, 1994: s/p). A partir desse discurso proferido, observa-se que Ribeiro compreendeu seu fazer literário como arte de caráter também político, uma vez que *Viva o Povo Brasileiro* é um importante instrumento de reflexão, no qual são desvelados aspectos da história brasileira, construída sob pilares que se firmaram a partir do silenciamento de culturas, do genocídio étnico, de problemas sociais graves, mas também nos mostra mais de nós, restaurando a esperança na construção de uma nação com mais isonomia e justiça social. Livros como esse permitem a ressignificação dos conceitos de identidade, história, povo; constrói outra possibilidade para o sentimento de se pertencer a uma nação; oportuniza o reconhecimento pessoal e dos processos que nos formaram historicamente.

3. A cozinha canibal e os modos de comer

O ato de cozinhar está inserido no campo da cultura. Como endossa Claude Lévi-Strauss (2004: 172), “o eixo que une o cru e o cozido é característico

da cultura, o que une o fresco e o podre, da natureza, já que o cozimento realiza a transformação cultural do cru, assim como a putrefação é sua transformação natural”. Portanto, quando se cozinha, há a apropriação dos métodos, dos ingredientes, sabe-se sobre o valor nutricional, sobre os segredos no preparo, entre outros. Isso estabelece uma relação direta com a produção e a transmissão do conhecimento. Uma vez que cozinhar é uma ação cultural, parte sempre de uma racionalidade que transforma o alimento em produção humana. Enquanto comer é instintivo, cozinhar ganha uma camada de racionalidade. Cozinhar é também criação, pois ao conhecimento transmitido, sempre se acrescenta o caráter pessoal, o tempero próprio de quem cozinha ou pode também se relacionar a uma identidade coletiva, ritualística, social deixada como legado a um povo.

Por isso, o ato de devoração do corpo contrário feita pelos povos nativos do território brasileiro – como o povo Tupinambá – não pode ser categorizado como ato de barbárie, uma vez que a carne, antes de ser comida, era moqueada, o que a coloca dentro do campo cultural, pois não é mais apenas um corpo. Seu sentido passa a ser outro. Além disso, a devoração se dava a partir de rituais, costumes embasados na cosmovisão de uma coletividade. De forma análoga se dá a devoração do escritor canibal: come somente depois de ter transformado, pela racionalidade, o corpo contrário em outras camadas de sentido.

A condição do corpo cozido nos remete à aproximação entre os modos de preparo do alimento e do texto. Nesse sentido, o escritor pode ser comparado ao cozinheiro, pois ambos criam a partir da tradição herdada, alteram sabores, preparo e apresentação; tem etapas particulares para planejar e executar, a partir de técnicas e de suas memórias. Cabe aqui pensar o ato de cozinhar em um espaço particular da cozinha: é nela que se dá a transformação, a metamorfose do cru ao cozido e entra-se no campo da cultura. Roberto Bolaño (2001) nos diz sobre uma certa “cozinha literária”, um ambiente bastante pessoal que abriga a arte de escrever. Esse ambiente marca uma contraposição à biblioteca, pois, para Bolaño, a biblioteca é comparada à igreja, ao passo que a cozinha literária estaria mais próxima às referências que se tem de um morgue, um lugar de morte. A imagem do morgue parece se adaptar bem à cozinha literária do escritor canibal: *corpus* / textos inteiros ou aos pedaços, expostos sobre a bancada de trabalho, prontos para a “cocção”. Como seu ancestral canibal, que expunha as partes do corpo sobre um jirau de varas para que todos pudessem apreciar e participar do festim coletivo, o escritor canibal também não esconde o *corpus* por ele devorado: apresenta-o por citações, menções, desconstrução

de sentidos, com camadas de crítica mordaz. Deixar que vejam o discurso/ pedaços de *corpus* do outro em seu próprio texto é outro aspecto que assemelha figurativamente a produção literária do escritor canibal ao ritual de devoração praticado pelo povo Tupinambá, pois é relevante considerar que, dentro das referidas cerimônias canibais, concedia-se ao prisioneiro – antes de ser sacrificado – o direito à fala e ele se reconhecia como alimento ao dizer “Eu, vossa comida, cheguei” (Staden, 1998: 67).

A palavra do prisioneiro, além de injuriar seus oponentes, transforma-se em arma de combate. Os impropérios proferidos se conservam na memória daqueles que os escutam, servindo para saber o valor do que está sendo devorado e para saber que a hora da vingança chegará. Deixar o outro falar implica considerá-lo como parte importante do ritual. Sem ele, não haveria a transgressão canibal, não haveria a celebração das tradições nem o porvir. Sem ele, não haveria a vingança, que é o movimento da vida. Por isso, o escritor canibal não esconde os discursos fundacionais e coloniais. Eles são o que se serve no banquete coletivo que é o romance. O que ele faz é destrinchá-los e prepará-los com seus temperos – crítica, ironia, problematização – e servi-lo aos seus, para que todos comam o mesmo repasto e possam “ruminar” – mais que mastigar, pode-se ruminar, no sentido etimológico da palavra: minar, escavar, possibilidade pela qual se pode remexer, revirar o passado, repensar o presente, refletir, reconstruir ou reler traços identitários.

Cozinhar/escrever representa, então, uma apropriação ou uma forma de resistência cultural. Uma vez que a escrita do romance *Viva o Povo Brasileiro* foi construída por meio de um longo processo de pesquisa e compreende outra lógica para os *corpora* que compõem a narrativa, pode-se dizer que essa obra se classifica como uma escrita canibal. Há um jogo crítico e irônico, ao denunciar que as coisas supostamente “esquecidas” – como episódios sangrentos omitidos ou dissimulados nos textos históricos pesquisados –, foram contadas a partir de uma fala ligada a um poder político que constituiu a nação brasileira, erguida sobre pilares de violência e opressão. Toda essa violência que nos constituiu como povo fundamentou práticas, que ultrapassam o canibalismo em crueldade e aniquilação, porque não eram práticas baseadas em um modo de compreensão da vida, mas simplesmente genocídio, preconceito e outras ações de exclusão. Portanto, pode-se pensar o ritual indígena como ato justificado porque, pelas mortes físicas e culturais dos indígenas brasileiros. Haveria, em contrapartida, essa outra voz – do escritor canibal – que retoma o espaço deixado vazio, vinga-se e vinga a morte de seus antepassados, tanto a morte física quanto as mortes social e cultural.

O escritor canibal, predador voraz, tem a capacidade de transgredir normas estabelecidas socialmente. Como afirma Michel Foucault, “a transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem”. Devorar é, pois, instituir um outro ponto de observação, já que a transgressão compreende dois movimentos contíguos: rompe limites e funda uma nova concepção. Nessa transgressão da escrita canibal, não se dá o desaparecimento do corpo contrário. Pensando-se pela cosmovisão indígena, a morte não é o fim, porque tudo faz parte de um todo, inclusive plantas, animais, fenômenos da natureza, deuses, mitologias e os mortos. Assim, o que foi comido será lembrado. Mas, pela devoração do escritor canibal, o corpo/*corpus* será compreendido por outras sendas de sentido.

Sobre a voracidade do escritor canibal, pode-se dizer que seu apetite provoca uma intensificação da relação com o outro que lhe serve de alimento. Escrever é, em medida simbólica, lidar com a morte. Esta se liga ao comer, como afirma Bakhtin, para quem, “entre outros sentidos, a palavra ‘morrer’ significava ‘ser devorado’, ‘ser comido’” (Bakhtin, 2013: 263). A voracidade, por essa perspectiva, é característica de um desejo violento e predador de se apropriar, tomar posse, marcar o corpo do outro, fazê-lo seu. Essas são características do fazer literário de João Ubaldo Ribeiro. Sua biografia inclui o fato de ter sido um leitor voraz, tradutor notável e intelectual reconhecido. Sua palavra escrita possui a capacidade de jogar com os sentidos; seu romance adquire um valor coletivo ao discutir questões como identidade brasileira e cristalizações de supostas verdades e fatos históricos que vigoraram durante os séculos que compõem a História do Brasil narrada em *Viva o Povo Brasileiro*.

Na aproximação entre o ato de comer e a escrita canibal, pode-se pensar sobre o que diz Georges Didi-Huberman (1991) em seus estudos sobre a voracidade. Para ele, comer se relaciona com matar, morrer, ressuscitar e servir de alimento para os que virão. Se, nos rituais das matrizes indígenas, a justificativa mais difundida para a devoração canibal se sustentava em atos de vingança, no fazer literário do escritor canibal, esse conceito se amplia ainda mais para as formas da devoração voraz pensada por Didi-Huberman. Afinal, são esses os desejos de um escritor canibal: comer seu contrário e fazer-se voz de resistência; depois, com o movimento da vida, ser comido, lido, ruminado por outros; viver na memória de sua tradição literária, pois não à toa, os autores canônicos são chamados de imortais; servir de nutrição e entrar no movimento espiral da Literatura.

4. Conclusão

O romance *Viva o Povo Brasileiro* apresenta uma fala muito relevante de uma personagem, o cego Faustino. Ele diz que o que se colocou nos papéis que a História conservou eram versões que interessavam aos que tinham o poder de registrar a história. Faustino questiona: “Alguém que roubou escreve que roubou, quem matou escreve que matou, quem deu falso testemunho confessa que foi mentiroso? Não confessa. Alguém escreve bem do inimigo? Não escreve. Então toda a História dos papéis é pelo interesse de alguém” (Ribeiro, 2007: 489). A partir de tal constatação é que está firmada a função política e crítica da escrita canibal: revisitar os discursos históricos para que, no presente, possam ser inseridos outros lugares de enunciação, em especial, os que foram silenciados nos processos de construção da nação.

A literatura de João Ubaldo Ribeiro apresenta essa característica. Nela há uma postura consciente e reflexiva que ultrapassa a presença de uma personagem canibal ou a abordagem temática. Ribeiro produz uma escrita, na qual se constata, pelo viés da transgressão, o diferencial de sua atitude canibal frente aos textos devorados por ele. Em seu romance, o escritor se coloca como uma voz que reflete sobre questões cristalizadas pelos conceitos de Verdade, Lei, História. Há a retomada da argumentação da motivação indígena para a vingança, um direito à reparação, assim como uma valorização – direta ou indireta – da matriz indígena, de seus costumes e histórias, no sentido de esta literatura oferecer um outro lugar de expressão ou ponto de vista.

O próprio escritor, na epígrafe de seu romance, diz que “O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias” (Ribeiro, 2007: s/p). É, pois, necessário deixar que outras vozes contem a história por outras miradas, que coexistam para que se amplie a condição do povo brasileiro de se perceber criticamente como nação, em suas identidades diversas, com a contribuição de várias culturas. Contra uma única Verdade é que se coloca a escrita combativa de Ribeiro: voraz e conectada à ancestralidade. Por meio de seu lugar consciente de intelectual brasileiro, esse escritor domina as armas do inimigo, especialmente a arma palavra, primeiro pesquisada e, posteriormente, reescrita por outros sentidos; ele devora vorazmente (leituras), expõe o *corpus*/textos contrários em seu próprio texto (intertextualidade); sua escrita adquire um teor coletivo, pois diz respeito a um povo; atribui valor positivo ao direito à vingança; canibaliza o corpo contrário, entendendo-se por canibalizar não apenas o ato de devorar os textos ou de destruí-los de forma absoluta,

mas a ação de canibalizar passa pelos sinônimos de marcar algo da mesma espécie ou semelhante, fazer adaptações, reutilizar, reaproveitar, “usar partes de (algo já existente) em nova obra ou criação” (Caldas Aulete, s/d). Ou seja, como escritor canibal, João Ubaldo Ribeiro toma para si e torna próprio o que era alheio. Na ação de canibalizar, admite-se que não se pode apagar um passado inteiro de silenciamentos e exclusão. Canibalizar as leituras deixa marcas que fazem com que se torne aparente a intervenção do escritor sobre o *corpus* por ele devorado: o *corpus* devorado estará presente no texto do devorador, mas marcado por outra interpretação, por conseguinte, marcado pelo pensamento contrário do predador canibal.

5. Referências bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail. (2013). *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec Editora.
- Bolaño, Roberto. (2001). “Un narrador en la intimidad”. *Clarín*, Edición Domingo, 25 mar. 2001. Disponível em: <<http://edant.clarin.com/suplementos/cultura/2001/03/25/u-00301.htm>>.
- Canibalizar. In: Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/canibalizar>.
- Castro, Eduardo Viveiros de. (2015). *Metafísicas Canibais: elementos para uma Antropologia Pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- Cunha, Manuela L. Carneiro da; Castro, Eduardo Viveiros de. (1985). “Vingança e Temporalidade: os Tupinambá”. *Journal de la Société des américanistes*, 71, p. 191-208. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1985_num_71_1_2262>.
- Didi-Huberman, Georges. (1991). *Disparates sur la voracité*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. MLN, Baltimore, v. 106, n. 4, French Issue: *Cultural Representations of Food*, p. 765-779, set. 1991. Disponível em: <<http://flanagens.blogspot.com.br/2013/02/disparates-sobre-voracidade.html>>.
- Foucault, Michel. (2006). “Prefácio à Transgressão”. In: Foucault, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Lery, Jean de. (1961). *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Ed. Biblioteca do Exército.
- Lestringant, Frank. (1997). *O Canibal: Grandeza e Decadência*. Brasília: Editora da UnB.
- Lévi-Strauss, Claude. (2004). *O Cru e o Cozido*. São Paulo: Cosac Naify.
- Ribeiro, João Ubaldo. (2007). *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva.

- Ribeiro, João Ubaldo. (1994). *Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro/discurso-de-posse>>.
- Staden, Hans. (1998). *A Verdadeira História dos Selvagens, Nus e Ferozes Devoradores de Homens (1548-1555)*. Rio de Janeiro: Dantes.
- Thevet, André. (1978). *As Singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia.

